

# Preconceito marca relação entre índios e brancos em Manaus

Diferença cultural e mercado de trabalho restrito acabam por marginalizar indígenas

MARCO UCHÔA

Ser índio em Manaus parece pecado. Como castigo, são discriminados, recebem menos de meio salário mínimo e engrossam a lista de subempregos. Acabam no mercado informal com seus artesanatos. Ocupam palafitas ou favelas e, na maioria das vezes, trabalham em troca de roupas velhas ou um prato de comida. Cerca de 30 mil índios vivem em Manaus, principalmente saterês-mavés, Tucanos, muras e tarianos enfrentam a mesma situação. Para contornar as dificuldades, um verdadeiro "bloqueio branco", alguns até tentam omitir a condição indígena. Mas os traços físicos e a pele queimada do sol denunciam tudo.

A idéia de que índio é preguiçoso e cheira mal é muito forte. "Não queremos mais apito, mas respeito e oportunidades para sobreviver", diz a índia Zenilda da Silva Vilaça, de 35 anos, Xingu na língua sateré. Ela tem três filhas e mora com 15 famílias em barracos de madeira no distante bairro Redenção, espécie de reduto da tribo na capital. A água é retirada de um poço e ligações clandestinas garantem iluminação no local. Há seis meses, eles invadiram o terreno e ergueram os barracos. Tiveram que enfrentar os moradores do bairro que não queriam índios por perto. "Chegamos a nos armar com arco e flecha quando os brancos ameaçaram quebrar nossas coisas", lembra Xingu.

**Sem brincar** — Os cerca de cem saterês estão próximos ao bairro Santos Dumont, de classe média, o que aumenta os problemas de discriminação. Ao contrário dos ianomâms, eles entendem o português e conhecem dinheiro. Os curumins são hostilizados todas as vezes que tentam brincar com as crianças do bairro. "Ninguém quer ficar a meu lado", lamenta Mário, de 5 anos, Irehu na língua sateré. Na favela, as crianças ajudam aos mais velhos a fazer brincos, anéis e colares de pau-brasil e outras madeiras. "Não tenho com quem brincar, então dou brilho nos anéis com um chinelo de borracha", afirma Paula, de 3 anos, uma indiazinha de pele tão escura, que recebeu o apelido de *Papau-açu*, ave negra da Amazônia.

Um bicho-preguiça, trazido da

aldeia, serve como brinquedo para os curumins. "Os brancos não entendem que a nossa cultura é diferente", lamenta a índia Zelinda da Silva Freitas, de 40 anos, que há 20 mora em Manaus e já tentou, algumas vezes, esconder sua condição indígena. "Não gosto de mentir, mas fui obrigada e mesmo assim não consegui emprego", diz. Ela afirma que a discriminação também acontece em postos de saúde e escolas.

Pelo menos uma vez por ano, ela e o marido, Benedito Carvalho de Freitas, abandonam Manaus e seguem para a tribo, nas imediações do Rio Urupadi, onde moram mais de cinco mil saterês. "Lá, conseguimos nos livrar das perseguições dos brancos", afirma Freitas, que já trabalhou na construção civil. O sonho do casal, que ganha meio salário mínimo com a venda de artesanato na rua, é morar numa casa de alvenaria. "Essa situação nos impede de sonhar mais", diz Zelinda. "Os moradores do bairro cruzam a rua para não passar perto de nós."

**Sujos** — A secretária Anna Beatriz Silva, de 32 anos, mora no bairro Santos Dumont e defende a retirada dos índios do local. "Eles são imundos e agressivos", afirma. Ela, como outras pessoas da região, proíbem a aproximação dos

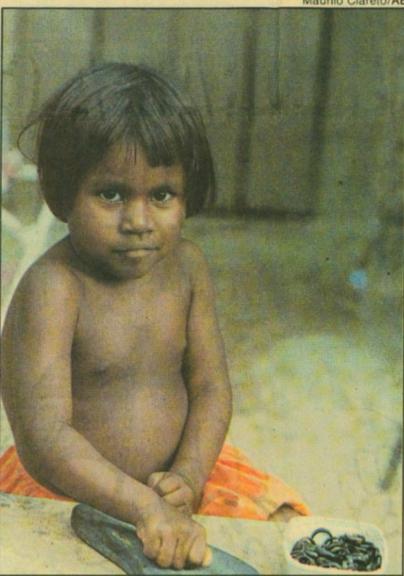
filhos com os saterês. "Minha mãe diz que eles transmitem doenças", comenta Cássio, de 7 anos, que desistiu de brincar com os curumins para não ser reprimido por seus pais. "O índio não consegue disputar mercado de trabalho e acaba marginalizado", afirma Raimundo Campos Serejo, administrador da Fundação Nacional do Índio (Funai), no Amazonas.

Outro problema: Manaus tem quase dois milhões de habitantes, o que representa 70% da população do Estado. O mercado de trabalho é pequeno e a Zona Franca de Manaus não consegue absorver a mão-de-obra disponível. "Precisamos encontrar alternativas para integrar os índios ao mercado de trabalho, sem discriminação", diz o governador Gilberto Mestrinho. Nos bairros de Coroado, Tancredo Neves, Alvorada e Armando Mendes, ficam os muras, tucanos e tarianos. "Pensei que minha vida fosse melhorar na cidade, mas escras. Não tenho com quem brincar, então dou brilho nos anéis com um chinelo de borracha", afirma Paula, de 3 anos, uma indiazinha de pele tão escura, que recebeu o apelido de *Papau-açu*, ave negra da Amazônia.

**CERCA DE 30 MIL ÍNDIOS VIVEM NAS PALAFITAS E FAVELAS DA CIDADE**



Mazonina Vieira, com a filha Nara: abandono depois de revelar ao namorado sua origem índia



Mário dá brilho em anéis para ajudar pais



Zenilda: não queremos mais apito, mas respeito

## Teste com saúva garante entrada na fase adulta

O ritual de passagem para a fase adulta dos saterês-mavés, conhecida como a dança da Tucandera, assusta os índios. Por volta dos 13 anos, o índio começa a ser preparado para enfrentar a bateria de dificuldades. Ele precisa provar para a aldeia que já é adulto e está preparado para caçar e pescar sozinho. A mãe, a índia mais velha da maloca ou a futura mulher confeccionam duas luvas de palha, sarican, para o teste.

A dança acontece apenas uma vez por ano, normalmente em dezembro. Nas luvas com furos são colocadas algumas formigas saúvas, saaré na língua sateré. O índio é obrigado a colocar as mãos dentro delas e, depois, mergulhá-las em duas latas repletas com mais de 500 saúvas cada. Ele deverá dançar, dia e noite, durante 40 dias. Os adultos da aldeia fazem as marcações de passos, três para frente e dois para trás.

Pela lenda sateré, um índio virgem não sente a dor das picadas das saúvas. Os não-vingens chegam a desmaiar. Ele precisa resistir. Os índios afirmam que a picada de uma saúva dói durante 24 horas. O candidato ao teste se pinta de vermelho, cor extraída do urucum, e de preto, conseguido com jenipapo. No Joelho, bem apertado, fica um chocalho, wandé, para dar mais sincronia aos passos.

Na primeira noite do teste, os braços do índio podem ser amparados por algum índio da aldeia. Após o quinto dia, apenas dois cantadores embalam o sofrimento com músicas melancólicas. "A dificuldade é capturar o primeiro índio a fazer o teste", explica Luemir da Silva, de 22 anos, o Meeri, que se prepara para ser testado, que saiu da aldeia com 11 anos para tentar a sorte em Manaus.

Ele casou com uma índia da tribo e tem uma filha. "Como não sou virgem, sei que vou sofrer muito", afirma.

Durante o teste, o índio é alimentado com as saúvas que caem no chão, além de água. "As formigas são torradas", diz Silva. "Cheguei a minha vez e não tenho mais como fugir dessa obrigação", afirma. Seu irmão, Mizaél da Silva Freitas, de 18 anos, o Curum, também está com medo. "Não sei se vou resistir, mas não posso esquecer que sou índio e que meu povo tem tradições que não podem ser desobedecidas", explica. Após os 40 dias ininterruptos de dança, o índio é trancado por um mês numa tenda. Não pode comer peixe nem se aproximar de rios. Para ser liberado, precisa comer um macacão velho. Essa segunda parte do ritual serve para o índio adulto não ficar panema, preguiçoso em sateré, e sentir vontade de caçar e pescar para a família. (M.U.)

## Mulher busca casamento fora da tribo

Para muitas índias que moram em Manaus, se envolver com homens brancos ainda é sinônimo de mudança de vida. É como se namorando um não-índio fossem ficar livres das dificuldades que enfrentam no dia-a-dia. "Preciso mudar de vida e eles podem ser a solução", acredita a índia tucana Maria das Graças Silva, de 17 anos, empolgada

com um rapaz que conheceu na feira do bairro Tancredo Neves, na periferia da conturbada Manaus. Ela tem consciência de que é discriminada, mas admite que não pode ficar pensando o tempo inteiro nesses problemas: "Preciso viver", comenta.

Seus pais não aprovam namoros com homens brancos. "Isso acaba com a nossa história", afirma Juraci Silva, de 50 anos, a Yuka, que abandonou há 30 anos a aldeia, na beira do Rio Solimões. Ao mesmo tempo, ela sabe que suas cinco filhas, criadas mais em Manaus do que na aldeia, estão cada vez mais distantes dos rituais da tribo. "A vida no asfalto é mais empolgante para eles do que o contato com a terra", lamenta. Seu marido, Antônio Castro da Silva, de 54 anos, o Hareh, tenta convencer as filhas de que os homens brancos estão sempre prontos para aproveitar da ingenuidade delas. "O tempo mostrará a verdade", afirma.

A índia mura Zenilde Castro, de 32 anos, mora em Manaus há 15 anos e já morou com dois homens brancos. "Estava cansada dos índios e decidi mudar de vida, mas acabei me decepcionando muito", conta. "Os brancos querem empregadas, não mulheres para conviver", diz. Ela mora com três filhos, sendo dois de homens brancos, no bairro Coroado. "Quando fui morar com um homem branco, pensei que estava com toda sorte do mundo, mas acabei pagando um preço muito alto." (M.U.)

# Jovem esconde identidade para ser aceita

Relato exemplifica a discriminação contra os índios que vivem longe de suas aldeias

A índia sateré Mazonina da Silva Vieira, de 18 anos, a Moi, não confia mais nos homens brancos. Durante sete meses, namorou um rapaz loiro que conheceu nas ruas de Manaus. "Estava apaixonada e feliz", lembra. Para não ser discriminada, decidiu não contar que era índia. Como tinha cabelos compridos e havia estudado até a 5ª série, o que não é comum entre os índios da região, conseguiu evitar que ele desconfiasse da sua condição indígena. Um dia, cansada de mentir, decidiu contar a verdade. "Foi neste momento que ele me abandonou", afirma. Mazonina estava grávida. Nasceu Nara, de 1 ano, e até hoje o rapaz não conhece a filha. A história de Mazonina sintetiza até onde pode chegar a discriminação contra os índios que vivem longe de suas aldeias. Ela conversou com o repórter Marco Uchôa enquanto preparava um cesto de palha para vender.

Estado - Por que você decidiu esconder que era índia? Mazonina da Silva Vieira - Es-

tava cansada de ser desprezada. Na escola, algumas pessoas se afastavam quando descobriam que eu era índia. Isso me deixava triste e indignada. Não tenho culpa por ter nascido numa aldeia e de ter sido educada com uma cultura diferente. Poucas pessoas entendem isso. Para os brancos, índios não servem para nada e isso é mentira, mas não temos forças suficientes para mudar esse quadro. Pensei que não contando para meu ex-namorado, estaria protegida de tudo isso. Até hoje, meu coração está apertado. Sofro com isso.

Estado - Quais são os problemas que os índios enfrentam em Manaus?

Mazonina - Não conseguem emprego e são vistos como diferentes, estranhos. Existe uma política muito forte contra os índios. Com isso, ganhamos inúmeros inimigos. Na realidade, queremos apenas viver dignamente, nada mais. Nas escolas ou hospitais, os índios são sem-

pre os últimos a serem atendidos. Índio cheira mal, costumam dizer médicos. Não tenho culpa de terem me apresentado o paraíso dos brancos. Quando saí da aldeia, aos cinco anos, fiquei encantada e assustada com tudo. Hoje, sei que paraíso não existe.

Estado - Você confia no homem branco?

**M**AZONINA: "AS PESSOAS SE AFASTAVAM QUANDO DESCOBRIAM QUE EU ERA ÍNDIA"

Mazonina - Não. Gosto de certos costumes, como o de me enfiar com roupas e ter a oportunidade de comer coisas diferentes, como pizza. Mas a perseguição deles contra meu povo derubou todos os pontos positivos que eles possam ter. São ambiciosos, só pensam em dinheiro e em vencer. Para isso, são capazes de tudo, principalmente de humilhar pessoas que nem entendem esse ritmo doído deles. Já estou acostumada com isso, mas sinto falta da aldeia, onde esses problemas não existem.

Estado - Como você educará sua

filha?

Mazonina - Quero contar toda a verdade para ela (começa a chorar). Quero que Nara tenha orgulho de ser filha de uma índia. Ensinarei que nunca deve mentir, pois se ela fizer isso, estará copiando, como eu fiz, umas coisas mais feias dos homens brancos. Espero que as pessoas entendam que também precisamos viver dignamente. Sinto falta do pai dela, mas sei que não daria certo. Ele era muito influenciado pela família. Não tinha opiniões próprias, o que dificulta qualquer relacionamento. Quero passar por cima disso para tentar esquecer, mas sei que não conseguirei.

Estado - Como é a sua vida?

Mazonina - Faço artesanato com minha família. Vendo em feiras ou na rua mesmo. É um trabalho árduo e as pessoas não dão muito valor, mas é o que sabemos fazer. O que ganhamos é pouco, mas não temos outras opções. Moro num barraco com oito pessoas. Nunca passei fome, mas vivemos com dificuldades. Compramos peixe barato na feira e é com isso que nos alimentamos quase sempre. Sinto que o meu sonho de ser professora está cada vez mais distante.

**REVELE SEU FILME NA FOTOPTICA E GANHE UMA CAMISETA COM A FOTO QUE VOCÊ ESCOLHER.**

**PRORROGADO ATÉ 26.2**

**FOTOPTICA**

PROMOÇÃO PARA REVELAR E COPIAR FILMES NEGATIVOS COLORIDOS 110/126/135